

Marcus Vinicius Mazzari
& *Maria Cecília Marks (orgs.)*

Romance de Formação

CAMINHOS E DESCAMINHOS
DO HERÓI

Sumário

Nota Editorial – <i>Maria Cecília Marks</i>	11
Prefácio – <i>Marcus Vinicius Mazzari</i>	13
MARCUS VINICIUS MAZZARI	
<i>Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister: “Um Magnífico Arco-Íris” na História do Romance</i>	21
MARIA CECILIA MARKS	
No Meio da Travessia – Aproximações e Diferenças na Formação de Wilhelm Meister e de Riobaldo	43
WILMA PATRICIA MAAS	
Goethe, o <i>Meister</i> : A Experiência Artística como Narrativa da Falha	61
JOSÉ FERES SABINO	
Romance Psicológico: Um Relato da Deformação do Eu	81
MARIA AUGUSTA DA COSTA VIEIRA	
Cervantes: Dom Quixote e Sancho Pança – Fragmentos de uma Aprendizagem Deleitosa	97
RAFAEL ROCCA DOS SANTOS	
E. T. A. Hoffmann e a (Anti)formação Parodística	117

SANDRA GUARDINI VASCONCELOS

Philip Pirrip: As Grandes e as Perdidas Ilusões 133

PAULO BEZERRA

Um Adolescente à Procura de Seu Eu 155

MARCOS NATALI

Aspectos Elementares da Insurreição Indígena: Notas em Torno
a *Os Rios Profundos*, de José María Arguedas 179

JEAN PIERRE CHAUVIN

Isaiás Caminha: Romance de Formação? 195

GUNTER KARL PRESSLER

Aprendizagem e Fracasso do Jovem Alfredo: Dalcídio Jurandir e o
Romance Moderno de Formação na Amazônia Oriental 217

WALNICE NOGUEIRA GALVÃO

Os Miseráveis e a Causa do Povo 235

ALEXANDRE BEBIANO DE ALMEIDA

“Para Governar a França, É Preciso Mão de Ferro”: As Ideias Feitas
no Romance de Flaubert 249

LUÍS BUENO

Prontos de Nascimento: A Formação do Homem Brasileiro de Elite
em Machado de Assis 267

WILLI BOLLE

Crise do Romance – Crise de um País: *Berlin Alexanderplatz*,
de Alfred Döblin 303

EDUARDO DE ASSIS DUARTE

O *Bildungsroman* Proletário de Jorge Amado 325

HORST ROLF NITSCHACK

Quarup: Uma Educação Sentimental pelo Povo 349

MÁRIO LUIZ FRUNGILLO

Um Herói de Duas Faces – Sobre as Ambiguidades do Impostor
Felix Krull 371

DANIEL R. BONOMO	
Romances de Formação de Romance: Camilo Castelo Branco e a Trilogia de <i>Onde Está a Felicidade?</i>	391
GLORIA CARNEIRO DO AMARAL	
Formação de Duas Jovens Esposas.	409
CINTIA ACOSTA KÜTTER	
<i>Balada de Amor ao Vento</i> , de Paulina Chiziane: <i>Bildungsroman</i> Feminino.	429
VALÉRIA SABRINA PEREIRA e HELMUT GALLE	
A Formação do Indivíduo em Tempos do Darwinismo. O Romance <i>O Pescoço da Girafa</i> , de Judith Schalansky.	453
MONA LISA BEZERRA TEIXEIRA	
A Educação pela Linguagem em <i>Perto do Coração Selvagem</i> e <i>A Maçã no Escuro</i>	477
ÉRICA GONÇALVES DE CASTRO	
“Uma História das Ideias em Vez de uma História do Mundo” – A Dimensão da Formação em <i>O Homem Sem Qualidades</i>	493
FLAVIO QUINTALE	
James Joyce e o Romance de Formação: <i>Um Retrato do Artista</i> <i>Quando Jovem</i>	515
FÁBIO DE SOUZA ANDRADE	
O Último Cigarro, o Primeiro Lápis: A Vida como Rascunho em <i>A Consciência de Zeno</i> , de Italo Svevo	533
Sobre os Autores.	561

Nota Editorial

Este livro remonta a um ciclo de dezesseis palestras proferidas na Biblioteca Mário de Andrade, na cidade de São Paulo, entre março e junho de 2013. Cinco anos depois vários textos das palestras foram reunidos em dois números da revista *Literatura & Sociedade* – do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – dedicados ao gênero romance de formação (*Bildungsroman*).

Para o presente livro, 21 textos publicados então na revista foram revisados e ampliados pelos seus autores. A eles somaram-se cinco novos ensaios, contemplando romances da literatura alemã (Karl Philipp Moritz), portuguesa (Camilo Castelo Branco) e brasileira (Antônio Callado, Lima Barreto, Machado de Assis).

A sequência com que os ensaios são apresentados neste volume procura observar no geral uma ordem temática, a fim de favorecer o diálogo entre as argumentações críticas e entre os próprios romances analisados. Após o bloco introdutório, relacionado mais diretamente à obra paradigmática de Goethe, seguem ensaios dedicados a romances anteriores a *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* assim como à primeira paródia do recém-criado gênero *Bildungsroman*. Em seguida vêm ensaios que vinculam o conceito de formação a questões sociais ou políticas. Os blocos subsequentes agrupam-se em

torno de temas como fracasso e desilusão, afinidades com o gênero picaresco, formação feminina e, ainda, a formação impregnada por um alto grau de reflexividade (Robert Musil, James Joyce, Italo Svevo).

Para concluir esta Nota, gostaríamos de registrar nossos agradecimentos aos autores dos ensaios aqui enfeixados, assim como a todos que contribuíram para a realização deste volume, que publicamos na expectativa de intensificar o interesse que o gênero fundado por Goethe no final do século XVIII vem despertando no Brasil.

MARIA CECILIA MARKS

Prefácio

[...] tudo o que nos sucede deixa rastros em nós, tudo contribui imperceptivelmente para nossa formação.

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE¹

Assim se forma o homem
Ao dizer sim, ao dizer não
Ao golpear, ao ser golpeado
Ao se associar aqui, ao se associar ali
Assim se forma o homem, ao se transformar
E assim surge sua imagem formada em nós
Ao se assemelhar a nós e ao não se assemelhar a nós

BERTOLT BRECHT²

Este volume contempla um gênero romanescos que, tendo se constituído na Alemanha do final do século XVIII, ramificou-se para inúmeras outras literaturas, dentro e fora do continente europeu. Trata-se do chamado “romance de formação” (*Bildungsroman*), que tem seu paradigma e protótipo em *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, narrativa em oito livros que Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) publicou entre os anos de 1795 e 1796. Conforme se poderá ler em alguns dos ensaios aqui enfeixados, a expressão *Bildungsroman* não provém do autor desse romance em que, no entanto, o substantivo *Bildung* (“formação”) ocorre dezenas de vezes. A expressão tampouco foi usada por Friedrich Schiller (1759-1804), que foi o primeiro

1. Johann Wolfgang von Goethe, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, Livro VII, capítulo 1. “[...] alles, was uns begegnet, läßt Spuren zurück, alles trägt unmerklich zu unserer Bildung bei”.
2. Bertolt Brecht, “So bildet sich der Mensch / Indem er ja sagt, indem er nein sagt / Indem er schlägt, indem er geschlagen wird / Indem er sich hier gesellt, indem er sich dort gesellt / So bildet sich der Mensch, indem er sich ändert / Und so entsteht sein Bild in uns / Indem er uns gleicht und indem er uns nicht gleicht”.

leitor e crítico dos *Anos de Aprendizado*, ou por Hegel (1770-1831), que ao discorrer sobre o “Romanesco” (*Romanhafte*) em sua *Estética* se orienta de maneira inequívoca pelo romance goethiano. O pioneirismo na cunhagem dessa designação de gênero coube a Karl Morgenstern (1770-1852), que numa série de conferências proferidas na Universidade de Dorpat – atualmente Tartu, capital da Estônia – ressaltou o significado crucial da ideia de “formação” não só para o herói Wilhelm Meister, mas também para seu criador e, não menos importante, para os leitores. Com efeito, logo na conferência inaugural, em 12 de dezembro de 1819 (“Sobre a Essência do Romance de Formação”), Morgenstern se mostra plenamente consciente de estar usando o termo *Bildungsroman* pela primeira vez na história da literatura:

Ele deverá se chamar *romance de formação*, em primeiro lugar por causa do seu assunto, porque ele representa a formação do herói em seu começo e em seu desenvolvimento, até um certo estágio de aperfeiçoamento; mas, em segundo lugar, também porque, exatamente através dessa representação, ele fomenta a formação do leitor, numa medida mais ampla do que qualquer outra espécie de romance.

Se foi, contudo, na longínqua Estônia que o termo *Bildungsroman* veio a lume, sua efetiva consolidação e difusão na história e teoria do gênero que tem no *Dom Quixote* seu primeiro grande representante deve-se a Wilhelm Dilthey (1833-1911), que em seu estudo *Schleiermachers Leben (Vida de Schleiermacher)*, de 1870, chamou *Bildungsromane* “àqueles romances que constituem a escola de Wilhelm Meister. [...] A obra de Goethe mostra aperfeiçoamento (*Ausbildung*) humano em diversas etapas, configurações e fases de vida”. E três décadas depois, em sua clássica obra *Das Erlebnis und die Dichtung (A Vivência e a Poesia)*, Dilthey buscou uma apreensão mais abrangente do que seria de fato a “escola de Wilhelm Meister” ao referir-se a uma incipiente tradição romanesca que tinha por protagonista um jovem movido por aspirações semelhantes às nutridas pelo herói goethiano:

[...] como ele [esse jovem] ingressa na vida num alvorecer feliz, procura por almas afins, encontra a amizade e o amor, mas também entra em conflito com a dura

realidade da vida e assim, sob as mais variadas experiências, vai amadurecendo, encontra-se a si mesmo e conscientiza-se da sua tarefa no mundo.

Se nas primeiras décadas após a publicação dos *Anos de Aprendizado* a descendência de Wilhelm Meister não difere muito da constelação criada por Goethe e teoricamente delineada por Morgernstern e Dilthey nas passagens citadas, no decorrer dos séculos XIX e XX – num movimento que se prolonga até o século XXI, conforme mostra exemplarmente o ensaio sobre o romance de Judith Schalansky *O Pescoço da Girafa*, publicado em 2011 – essa descendência passará por inúmeras metamorfoses, também com o advento de personagens femininas, negras e proletárias, como figuram em romances abordados neste volume.

Os critérios pelos quais se pode atribuir o termo *Bildungsroman* a uma narrativa são cambiantes e isso se reflete na diversidade de tipologias que temos desse gênero, como a apresentada em 1972 por Jürgen Jacobs em sua monografia *Wilhelm Meister und seine Brüder (Wilhelm Meister e seus Irmãos)*, ou a que Rolf Selbmann propõe em 1994 em *Der Deutsche Bildungsroman (O Romance de Formação Alemão)*, ou ainda, recuando algumas décadas, a tipologia esboçada por Mikhail Bakhtin num estudo publicado no Brasil na coletânea intitulada *Estética da Criação Verbal*³. Mas até mesmo a mera designação de gênero não é ponto pacífico entre críticos, historiadores e teóricos de literatura, pois ao lado de *Bildungsroman* encontramos também “romance de educação” (*novel of education, roman d’éducation*), “romance de aprendizagem” (*apprenticeship novel; roman d’apprentissage*) e “romance de desenvolvimento” ou de “evolução”, como Wolfgang Kayser traduz para o português o substantivo composto alemão *Entwicklungsroman*⁴.

3. Uma síntese de várias tipologias surgidas até o ano de 2007, quando Ortrud Gutjahr publica um estudo sobre romances de formação protagonizados por mulheres, incluindo-se imigrantes – o romance *Die Brücke vom Goldenen Horn (A Ponte do Chifre de Ouro, 1988)*, da escritora turco-alemã Emine Sevgi Özdamar –, pode ser encontrada no capítulo “Metamorfoses de Wilhelm Meister: O verde Henrique na história do *Bildungsroman*”, em Marcus Vinicius Mazzari, *Labirintos da Aprendizagem – Pacto Fáustico, Romance de Formação e Outros Temas de Literatura Comparada*, São Paulo, Editora 34, 2010, pp. 93-158.
4. Wolfgang Kayser desenvolve suas considerações sobre o “romance de evolução” (*Entwicklungsroman*) no segmento dedicado ao gênero romanesco no último capítulo, “A Estrutura do Gênero”, do manual

O espectro em que se inserem as múltiplas tipologias do modelo narrativo inaugurado no final do século XVIII com *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* reveste-se, portanto, de extraordinária amplitude e num de seus extremos situa-se a concepção *stricto sensu*, que considera como *Bildungsromane* tão somente as obras surgidas na chamada “Era de Goethe”, a qual se estende *grosso modo* entre os anos de 1770 e 1832. No limite, essa concepção tenderia a estabelecer um “cânone mínimo”, para aludir ao sugestivo título do estudo publicado por Wilma Patricia Maas em 1999, ou seja, a única obra que conduz a trajetória formativa do herói a um final harmonioso e produtivo, que supostamente deve caracterizar um “romance de formação”, seria o próprio paradigma goethiano. De certa perspectiva, essa concepção encontra respaldo no Georg Lukács de *A Teoria do Romance* (1916), ao afirmar que todo romance “verdadeiramente grande” – da envergadura do *Dom Quixote* ou do próprio *Wilhelm Meister*, citando dois exemplos estudados pelo crítico húngaro – permanece como “única objetivação realmente significativa de seu tipo”. No outro polo do mencionado espectro tipológico teríamos uma concepção *lato sensu* do gênero em foco, a qual norteou a composição da presente coletânea. Essa concepção foi assumida pelo próprio Lukács em seus textos marxistas posteriores à *Teoria do Romance*, como no ensaio de 1939 sobre o suíço Gottfried Keller – autor de *O Verde Henrique*, um dos mais relevantes *Bildungsromane* do século XIX –, em que afirma:

Considerado de maneira mais ampla e abstrata, quase todo romance burguês moderno e significativo contém a história de uma educação. [...] As obras de Balzac e Stendhal são romances de educação nesse sentido mais amplo e geral⁵.

Análise e Interpretação da Obra Literária, São Paulo, Martins Fontes, 1976, pp. 399-406, especialmente p. 403. Na versão alemã desse manual – *Das sprachliche Kunstwerk*, publicada, como a portuguesa, em 1948 – a mesma argumentação sobre o *Entwicklungsroman* aparece no capítulo “Das Gefüge der Gattung”. O próprio Bakhtin emprega o termo russo *roman vospitanija* como correlato à designação alemã *Erziehungsroman*. Ver o ensaio “O Romance de Educação e sua Importância na História do Realismo”, publicado na União Soviética em 1979, incluído na coletânea póstuma *Estética da Criação Verbal*, São Paulo, Martins Fontes, 2011. Um excelente aproveitamento da teoria do romance bakhtiniana encontra-se no ensaio de Cecilia Marks que integra este volume: “No Meio da Travessia – Aproximações e Diferenças na Formação de Wilhelm Meister e de Riobaldo”.

5. Franco Moretti orienta-se igualmente por uma concepção *lato sensu* desse gênero visto como “forma simbólica” da modernidade: *O Romance de Formação*, tradução de Natasha Belfort Palmeira, São